

**NÃO
ANTES
PESSOA
EM VÃO**

**318 CITAÇÕES DA PROSA DE
FERNANDO PESSOA & HETERÓNIMOS**

SELECÇÃO, ORGANIZAÇÃO E NOTA EDITORIAL
VASCO SILVA



Índice

1. Nota editorial	9
2. Prefácio.	11
3. Fernando Pessoa (ortónimo)	17
4. Alberto Caeiro	89
5. Álvaro de Campos.	93
6. António Mora.	113
7. Barão de Teive	125
8. Bernardo Soares	137
9. Ricardo Reis.	177
10. Bibliografia	189
11. Índice de citações por ordem alfabética	193

Nota Editorial

Não Cites Pessoa em Vão é uma recolha de excertos retirados da prosa édita de Fernando Pessoa e heterónimos. Como todas as antologias, também esta resulta de uma escolha e de uma leitura pessoal da obra de Fernando Pessoa. Não é, não pretende, nem poderia ser uma sùmula do pensamento do autor (quer ortónimo, quer heterónimo) sobre cada um dos temas abordados.

Observou Georg Rudolf Lind que «Fernando Pessoa não tinha, de sua índole, talento especial para o aforismo» (*Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias*, 1966). Também nesta antologia se optou por não recolher o aforismo, a frase eloquente, mas antes a escolha de um excerto que defina um conceito ou, de algum modo, possa ilustrar o pensamento de Fernando Pessoa – muitas vezes contraditório com o dos heterónimos – sobre um determinado tema.

Fernando Pessoa escreveu numa crónica publicada em *O Jornal*: «Uma criatura de nervos modernos, de inteligência sem cortinas, de sensibilidade acordada, tem a obrigação cerebral de mudar de opinião e de certeza várias vezes no mesmo dia.» Esta antologia talvez o demonstre.

As citações estão arrumadas por heterónimos, considerada aqui a palavra num sentido amplo. Numa obra desta natureza não faria sentido uma divisão mais rigorosa – e, no entanto, sempre controversa – entre heterónimo, semi-heterónimo, pseudónimo, personalidade literária ou outras.

NÃO CITES PESSOA EM VÃO

Das 72 *dramatis personae* identificadas por Teresa Rita Lopes (*Pessoa por Conhecer*, 1990) aos 136 autores fictícios nomeados por Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari (*Eu Sou uma Antologia*, 2013) optámos por incluir excertos de Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, António Mora, Barão de Teive, Bernardo Soares, Ricardo Reis e, naturalmente, Fernando Pessoa ortónimo.

Todas as citações estão identificadas com a obra da qual foram retiradas e, sempre que possível, na sua primeira publicação. Como referem Fernando Cabral Martins e Richard Zenith, «em Pessoa, é necessário – sempre – juntar o nome ao texto.» (*Teoria da Heteronímia*, 2012).

A ortografia foi uniformizada pela anterior ao Acordo Ortográfico de 1990 e o título *Não Cites Pessoa em Vão* foi encontrado na parede de uma rua de Lisboa.

VASCO SILVA

NÃO CITES PESSOA EM VÃO

CIVILIZAÇÃO MATERIAL

Em si mesma, a civilização material nem sequer é civilização, mas simplesmente aperfeiçoamento. Melhoram as condições em que os homens vivem; os homens podem melhorar ou não.

Sobre o Fascismo, a Ditadura Militar e Salazar



CLASSES MÉDIAS

Uma demagogia é um governo apoiado em forças (ou classes) populares e sistematicamente dirigido contra as opiniões, as tradições e os interesses das classes médias. Ora, como as classes médias, por estarem entre o instinto popular e a inteligência dos dirigentes (das aristocracias), são a média do valor nacional, e os depositários da força do país, segue que tudo quanto seja feito sistematicamente contra as classes médias é feito sistematicamente contra a pátria.

Da República (1910-1935)



COLÓNIAS PORTUGUESAS

As colónias portuguesas são uma tradição inútil. Nós não temos o direito de ter colónias. Na nossa mão, elas não nos servem, não servem aos outros, e pesam sobre nós, alimentando uma tradição funesta, que foi bela enquanto foi glória

FERNANDO PESSOA

inútil, porque foi glória; mas tendo deixado de ser glória, ficou sendo inutilidade apenas.

Ultimatum e Páginas de Sociologia Política



COMÉRCIO E CULTURA

A actividade social chamada comércio, por mal vista que esteja hoje pelos teóricos de sociedades impossíveis, é contudo um dos dois característicos distintivos das sociedades chamadas civilizadas. O outro característico distintivo é o que se denomina cultura. Entre o comércio e a cultura houve sempre uma relação íntima, ainda não bem explicada, mas observada por muitos. É, com efeito, notável que as sociedades que mais proeminentemente se destacaram na criação de valores culturais são as que mais proeminentemente se destacaram no exercício assíduo do comércio. Comercial, eminentemente comercial, foi Atenas. Comercial, eminentemente comercial, foi Florença.

A relação entre os dois fenómenos é ao mesmo tempo de paralelismo e de causa-e-efeito. Toda a vida é essencialmente relação, e a vida social, portanto, é essencialmente relação entre indivíduos, quando simples vida social; e entre povos, quando vida civilizacional. Ora, como os fenómenos da vida superior são de duas ordens – materiais e mentais –, devem ser materiais e mentais os fenómenos da vida superior civilizacional; e, como a vida é essencialmente relação, esses fenómenos devem ser de relação. Como o comércio é, por sua natureza, uma entrepenetração económica

NÃO CITES PESSOA EM VÃO

das sociedades, é no comércio que as relações materiais entre sociedades atingem o seu máximo; e como a cultura é uma entrepenetração artística e filosófica das sociedades, é na cultura que as relações mentais entre povos conseguem o seu auge. Segue que uma sociedade com um alto grau de desenvolvimento material e mental e, portanto, com um alto desenvolvimento da vida de relação, forçosamente será altamente comercial e altamente cultural, paralelamente.

Revista de Comércio e Contabilidade, n.º 3, 25-3-1926



COMUNISMO

O comunismo de hoje – que, como ideia, só os idiotas sabem o que é – é o produto híbrido, e por isso estéril, do misticismo judaico e da estupidez europeia.

Prefácio a Alma Errante, de Eliezer Kamenezky



O CONSTITUCIONALISMO

O constitucionalismo, porém, foi uma coisa muito diferente: foi um simples fenómeno de desnacionalização. Longe de suspender a nossa decadência, venceu bem que estávamos em decadência. Uma reacção do espírito progressivo procuraria reformar a nossa antiga monarquia, procuraria

FERNANDO PESSOA

estimular energias, modificar o nosso modo de não ser económico. Reacção do espírito progressivo foi a obra de Pombal. O constitucionalismo, porém, não fez senão trazer-nos um regime político inteiramente estranho a toda a nossa vida nacional, inteiramente inadaptável a todas as condições, materiais como culturais, da nossa verdadeira índole. Destruuiu e espoliou inútil e estupidamente, tendo em mira apenas a nossa impossível adaptação a um regime que nenhum sentimento português queria, e que a toda a inteligência verdadeiramente portuguesa instintivamente repugnava. O resultado foi aquela política que todos nós conhecemos, e que em oitenta anos o afundou. Foi isto o constitucionalismo – um 1640 feito por Miguel de Vasconcelos.

Acção, n.º 1, 1-5-1919



CONVICÇÕES PROFUNDAS

Convicções profundas, só as têm as criaturas superficiais. Os que não reparam para as coisas quase que as vêem apenas para não esbarrar com elas, esses são sempre da mesma opinião, são os íntegros e os coerentes. A política e a religião gastam dessa lenha, e é por isso que ardem tão mal ante a Verdade e a Vida.

*Crónica da vida que passa...
O Jornal, n.º 2, 5-4-1915*



Álvaro de Campos

Álvaro de Campos define-se excelentemente como sendo um Walt Whitman com um poeta grego lá dentro.

Há nele toda a pujança da sensação intelectual, emocional e física que caracterizava Whitman; mas nele verifica-se o traço precisamente oposto – um poder de construção e de desenvolvimento ordenado de um poema que nenhum poeta depois de Milton jamais alcançou.

(tradução de Tomás Kim)

Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação

ÁLVARO DE CAMPOS

COMPENSAÇÃO MORAL

A única compensação moral que devo à literatura é a glória futura de ter escrito as minhas obras presentes.

(resposta a inquérito de Augusto Ferreira Gomes)
Prosa de Álvaro de Campos



CRÍTICA LITERÁRIA

Entre nós, como, aliás, em muita parte do estrangeiro, a crítica literária está entregue a indivíduos sem preparação alguma para formar um juízo em matéria de arte escrita, quer por uma falta total de cultura, quer por uma especialização excessiva em certas formas de leitura.

Pessoa Inédito



DESCULPAS

Não dar desculpas é melhor que ter razão.

Contemporanea, n.º 4, 1922



DESTINO

Vou atirar uma bomba ao Destino.

Prosa de Álvaro de Campos